

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA, UM SONHO POSSÍVEL: EXPERIÊNCIAS
POSITIVAS COM ALUNOS SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

MARIA HELENA DE ASSIS MARINHO

CELESTE AZULAY KELMAN

BRASÍLIA/2011

MARIA HELENA DE ASSIS MARINHO

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA, UM SONHO POSSÍVEL: EXPERIÊNCIAS
POSITIVAS COM ALUNOS SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

*Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB
Orientador (a): Professora Doutora Celeste Azulay Kelman*

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA HELENA DE ASSIS MARINHO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA, UM SONHO POSSÍVEL: EXPERIÊNCIAS POSITIVAS COM ALUNOS SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 29/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Professora Doutora Celeste Azulay Kelman

Sandra Jaqueline Barbosa

Maria Helena de Assis Marinho

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Ao meu querido esposo Reinaldo e a minha amada filha Jennefer, que possamos continuar vencendo juntos todos os obstáculos que a vida nos impor.

AGRADECIMENTOS

À Deus que é a luz do meu caminho.

Às pessoas envolvidas no processo de seleção dos cursistas, pela oportunidade grandiosa que me foi dada.

Aos meus familiares que amo tanto e que tanto me apoiam.

À Professora Doutora Celeste Azulay Kelman, pela paciência e força para que eu permanecesse firme na caminhada.

À tutora à distância, Professora Susana Seixas, que com tanto carinho nos acompanhou ao longo do curso.

Aos demais professores, tutores presenciais, amigos e colegas que, através de seus conhecimentos e nossas trocas de experiências me auxiliaram na realização desse trabalho.

Aos profissionais, pais e alunos da escola de realização da pesquisa pela colaboração e compromisso por uma educação inclusiva de qualidade.

RESUMO

Este trabalho visa descrever através da pesquisa qualitativa, a experiência positiva de inclusão dos alunos surdos em turmas regulares de 6º, 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal de Ipatinga MG. Esse tema leva à reflexão do quanto a inclusão é necessária e cabe a nós, envolvidos no processo educacional, lutarmos para que ela aconteça com qualidade. A diversidade no ambiente escolar é fator determinante do enriquecimento das trocas, dos intercâmbios intelectuais, sociais e culturais que possam ocorrer entre os sujeitos que nele interagem. Através da observação das práticas didático-metodológicas e pedagógicas desenvolvida pelos educadores é possível visualizar o enriquecimento que a inclusão dos alunos surdos no ensino regular trouxe a todos que fazem parte desta comunidade escolar. É inegável a importância dos estudos sobre a inclusão ao longo da história. Com este trabalho de campo foi possível concluir que ela ainda está em processo, inacabado e sobretudo, não podemos esquecer nosso objetivo maior, que é o respeito à pessoa humana, valorizando as diferenças e igualando as oportunidades.

Palavras-chaves: experiências positivas, inclusão, surdos, diferenças

SUMÁRIO

I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
1.1 Breve Histórico acerca dos aspectos legais que norteiam a inclusão no Brasil	12
1.2 Histórico da Escola Municipal de Ipatinga.....	13
1.3 – Breve histórico dos anos iniciais dos alunos surdos inseridos no Ensino Fundamental (7º e 8º ano), em uma Escola Municipal de Ipatinga	14
1.4 A inclusão dos alunos surdos no Ensino Fundamental em turmas regulares em uma Escola Municipal de Ipatinga, no terceiro e quarto ciclos.....	15
II- OBJETIVOS.....	17
III. METODOLOGIAS	18
3.1 – Fundamentação Teórica da Metodologia	18
3.2 – Contexto da Pesquisa.....	18
3.3 – Participantes	18
3.4 – Materiais	19
3.5 – Instrumentos de Construção dos dados	19
3.6 – Procedimentos de Construção de Dados	19
3.7 – Procedimentos de Análise dos Dados.....	20
IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
4.1 – Dos questionários para os professores.....	21
4.2 – Das entrevistas com os alunos surdos	23
4.3 – Dos questionários para os alunos ouvintes	25
4.4 – Dos questionários para os pais ou responsáveis	26
4.5 – Dos questionários para as intérpretes	27
4.6 – Dos registros das observações	29
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1 – Nível de surdez	23
Tabela 2 – Idade de ingresso na escola e tipo de classe	23
Tabela 3 – Idade de ingresso em turmas regulares de 6º ano do 3º ciclo	23
Quadro1 - Concepções que os professores possuem a respeito da inclusão no Ensino Fundamental.....	21
Quadro 2 - Concepções que os alunos surdos possuem a respeito da inclusão no Ensino Fundamental	23
Quadro 3 - Concepções que os alunos ouvintes possuem a respeito da inclusão dos alunos surdos no Ensino Fundamental	24
Quadro 4 - Concepções que os pais ou responsáveis têm a respeito da inclusão dos alunos surdos no Ensino Fundamental.....	26
Quadro 5 - Concepções que as intérpretes têm a respeito da inclusão dos alunos surdos no Ensino Fundamental	27
Quadro 6. Protocolo de registro das observações	29

APRESENTAÇÃO

A inclusão ocorre efetivamente quando está baseada em princípios enraizados em processos de contínuas mudanças, que visam o aprimoramento e o atendimento de qualidade, igualitário em ofertas de oportunidades diversificadas.

A escola pode ser um espaço aberto às mudanças. Essa monografia visa mostrar a trajetória dos alunos surdos e as experiências positivas de inclusão vividas por eles em uma escola pública municipal de Ipatinga, MG. Nessa escola, os alunos têm a oportunidade de interagirem com toda comunidade escolar e são oferecidos a eles os recursos de que necessitam para que possam se desenvolver integralmente, explorando todas as suas potencialidades.

Acreditar que a inclusão é possível e lutar pela sua efetivação é colocar em prática o respeito aos direitos humanos. Motivar os educadores nessa busca é a meta a ser alcançada ao final deste trabalho.

A escolha do tema, *“Educação inclusiva, um sonho possível: experiências positivas na educação de alunos surdos inseridos no Ensino Fundamental”* aborda uma tentativa de buscar respostas aos questionamentos e às observações feitas ao longo do curso de pós-graduação e a vontade de compartilhar experiências adquiridas no trabalho com alunos surdos, em uma escola da rede municipal de Ipatinga, cujo lema é o “respeito às diferenças”.

O aprofundamento teórico do assunto e a busca por um trabalho de qualidade motivaram esta pesquisa *“in loco”*. Na escola municipal pesquisada são atendidos alunos com necessidades especiais (cegos, baixa-visão e surdos), e na convivência com eles foi possível perceber a importância da inserção dos mesmos nas turmas de Ensino Fundamental Regular. Existe uma interação muito boa entre todos. É possível perceber a rapidez com que os alunos ouvintes conseguem aprender a se comunicarem com os alunos surdos e com a força de vontade dos cegos. Eles estão felizes e gostam de participar de tudo que acontece na escola. Os alunos ouvintes comunicam-se com os alunos surdos através da Língua Brasileira de Sinais, gestos e com o auxílio da intérprete. Nos eventos da escola participam de apresentações como música, teatro, exposições, nas quais os educadores, as intérpretes e os alunos procuram integrar linguagem oral, visual e a Libras.

A escola regular deve propiciar recursos que favoreçam essa interação com o mundo para que os alunos surdos tenham o incentivo necessário para seu desenvolvimento. Paula (2009) afirma:

A escola se configura, portanto, em um contexto extremamente fértil para a construção de identidades, visto que disponibiliza em sua constituição inúmeras formas de interação. Porém, há que se salientar, que apenas uma prática educacional baseada em processos interativos, a partir da reestruturação de meios mediacionais (VYGOTSKY, 1995), pode contribuir para a quebra dos processos de exclusão e segregação do educando deficiente, favorecendo suas potencialidades.

São necessárias pesquisas entre os componentes da comunidade escolar, principalmente, os professores, para que seja possível visualizar o caminho percorrido pelos educadores na inclusão dos alunos surdos em turmas regulares, na referida escola pesquisada, bem como, as melhorias conquistadas ao longo deste percurso, adquiridas através das experiências cotidianas. Esse trabalho visa compartilhar com outros educadores, experiências pedagógicas positivas na inclusão dos alunos surdos em classes regulares e visualizar os aspectos que tiveram relevância para o sucesso desse processo.

O movimento nacional para incluir todas as crianças na escola e o ideal de uma escola para todos vem dando novo rumo às expectativas educacionais para os alunos com necessidades especiais (...). A Inclusão Educacional dos Surdos e seus desafios constitui, portanto, uma proposta politicamente correta que representa valores simbólicos importantes, condizentes com a igualdade de direitos e de oportunidades educacionais para todos, em um ambiente educacional favorável (PCNs, 1999 p.17).

Pensar em uma escola inclusiva é dar oportunidade aos alunos com necessidades especiais de interagir com seus colegas e equipe pedagógica, oferecendo-lhes os recursos de que necessitam para que possam se desenvolver integralmente, explorando todas as suas potencialidades. O professor precisa ter claros seus objetivos e metas e escolher as estratégias que melhor atendam a fase de desenvolvimento do educando, bem como o contexto histórico e social em que se encontra. Tunes e colaboradores (2006) mencionam a necessidade de uma interação efetiva entre educador e educando para que haja cumplicidade entre ambos, possibilitando uma relação de segurança e compreensão mútua o que viabiliza o processo de aprendizagem. Na educação moderna, não cabe ao professor o papel de formador, disciplinador, mero transmissor de conhecimento, visto que, o próprio educando de hoje questiona este modelo antigo e autoritário. Ler diferentes opiniões a respeito do ato de ensinar e do ato de incluir é estar aberto às mudanças em busca de meios que atendam as atuais necessidades da educação.

I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A abordagem sociointeracionista de Vygotsky será a norteadora desse trabalho, tendo em conta a ênfase nos aspectos sociais que influenciam o desenvolvimento humano. A interação entre os sujeitos envolvidos no processo é fundamental na inclusão dos alunos surdos.

Nenhuma teoria da aprendizagem consegue dar respostas para as totalidades, porém, todas nos oferecem dados importantes para melhor compreendermos o processo de aprendizagem.

Apesar da inclusão dos alunos surdos em classes comuns ser um fato novo para muitos profissionais da educação, vários estudos e ações têm contribuído para que essa inclusão esteja cada vez mais presente em nossa realidade.

Os diferentes autores e textos explorados durante todo o curso serão primordiais para fundamentação deste trabalho, visto que abrangem enfoques diferenciados, e um contexto inclusivo requer trabalhos diversificados para melhor atendermos às necessidades de cada educando.

A história da educação de surdos sempre foi um desafio, e não se pode ignorar a importância das abordagens metodológicas para a atuação dos profissionais da educação e o estudo do oralismo, a comunicação total e o bilinguismo são fundamentais para o avanço de um atendimento educacional de qualidade.

O oralismo consiste na aprendizagem da linguagem oral propiciando assim, a inserção dos surdos no meio dos ouvintes.

Não são todos os alunos surdos que conseguem desenvolver uma linguagem satisfatória (KELMAN, 2010). A ênfase no desenvolvimento da oralidade no surdo acarretava o atraso na relação idade / série.

A Comunicação Total se baseia na Teoria da Comunicação que, segundo Lacerda e Mantelatto (2000):

Descreve as relações entre interlocutores considerando a existência de um emissor, que pretende veicular uma mensagem; um receptor que é alvo dessa mensagem; e a mensagem propriamente. Como requisito para que a comunicação se dê, é necessário que ambos os interlocutores – emissor e receptor – compartilhem um código comum, a partir do qual a mensagem será codificada pelo emissor e decodificada pelo receptor (p. 31-32).

O bilinguismo se baseia em oferecer à criança ambientes favoráveis, isto é, significativos, nos quais ela possa desenvolver a linguagem. Interessante ressaltar também, a importância da aquisição da Língua de sinais pela criança, tendo seu início na primeira infância, o que facilita o aprendizado do ensino formal, tendo a Língua Portuguesa como segunda língua (DELANA; GENTRY; ANDREWS,2007).

Descreveremos os aspectos fundamentais para melhor compreensão da inclusão dos alunos surdos no Ensino Fundamental.

1.1 Breve Histórico acerca dos aspectos legais que norteiam a inclusão no Brasil

O fato marcante na luta para a inclusão de pessoas com deficiência foi a Declaração de Salamanca, 1994, que visava a luta pela “Educação para Todos”. Decorrente desta Declaração começa-se a voltar a atenção para políticas públicas de inclusão no Brasil e em todo o mundo. Segundo essa Declaração, o surdo deve ser inserido de fato, para que possa ter a sua cidadania respeitada (Declaração de Salamanca, 1994). A criança surda precisa ter suas necessidades especiais atendidas e os educadores necessitam adequar suas metodologias para que a aprendizagem ocorra de forma tranquila. Seus direitos à convivência integral com a comunidade em que vive devem ser respeitados. Negar-lhes, portanto, a inclusão no Ensino Regular, é desrespeitar-lhes esse direito.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, no capítulo V, Art. 58º, trata especificamente da Educação Especial:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

Portanto, embora prevista na lei, a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular vem ocorrendo de maneira bastante lenta e ainda traz consigo o peso de uma exclusão camouflada, pois, não atende às especificidades e necessidades destes educandos, limitando-se à simples inserção. Porém, tal ação abriu o caminho a uma nova era para o educando surdo.

Para se fazer cumprir a LDB, foram elaborados os seguintes documentos:

- Plano Nacional de Educação, aprovado pela Lei nº 10 172 /01;
- Resolução CNE/CEB nº 2/2001, Diretrizes de Educação Especial na Educação básica;

- Lei nº 10436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências;
- Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, 2007;
- Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008);
- Convenção sobre os direitos das Pessoas com Deficiência (2008).

No entanto, para o alcance destas metas é preciso um novo posicionamento, que vise um currículo flexível, projetos educacionais inclusivos, formação continuada dos professores, reformulações das políticas educacionais, que atendam as necessidades e as especificidades dos educandos.

1.2 Histórico da Escola Municipal de Ipatinga, MG

A Escola Municipal em foco foi criada pela Lei Municipal nº 703/80 de 17 de dezembro de 1980. Começou a funcionar em 09 de fevereiro de 1981. Foi inaugurada oficialmente em 27/04/1981, na gestão do prefeito João Lamego Neto, tendo como diretora a senhora Sonia Maria de Paiva.

Em 1981, no seu primeiro ano de funcionamento, o educandário ofereceu vagas de 1^a à 8^a série para mais de 1.100 alunos. A partir desse ano a escola funcionou em três turnos. No dia 19 de março do ano de 1982, inaugurou-se o ensino de 2º Grau, com quatro turmas. Este atendimento foi inviabilizado no ano de 1983 devido ao funcionamento da mesma sem o ato autorizativo indispensável, como exposto no Parecer nº 246/83 de 08 de abril de 1983.

Em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases, nos artigos 37 e 38, cita pela primeira vez a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), ressaltando que os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente oportunidades educacionais apropriadas ao jovem e ao adulto. Assim, o parecer 11/200 e a resolução 01/2000 do Conselho Nacional de Educação estabelecem as Diretrizes curriculares da EJA e conforme Portaria SME28/2007 de 23 de maio de 2007 foi autorizado o funcionamento da modalidade de atendimento, Educação de Jovens e Adultos nessa escola, retroagindo seus efeitos a 02 de fevereiro de 2007.

Como ação de inclusão das pessoas com necessidades especiais, em 15 de maio de 2001, iniciou-se o atendimento especializado aos educandos com deficiência visual – COTATTO, contando com dezenas de alunos matriculados em oficinas de alfabetização em Braille, informática, educação física e artes. Atualmente ampliado, são aproximadamente cinquenta e seis, os assistidos nas oficinas de alfabetização em Braille e à tinta, Educação Física, Artes, Informática, Matemática e Acompanhamento pedagógico.

Em 2005, a Escola pode festejar os vinte e cinco anos de história construída com o ideal, o esforço e a dedicação de todos os que por lá passaram e deixaram o registro de suas vidas. Alunos, funcionários e a comunidade em geral demonstraram o reconhecimento do significado cultural e social dessa unidade de ensino, com a realização de projetos pedagógicos e comemorações.

Com o compromisso de continuar superando desafios e promovendo a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, esta instituição recebeu em 2008 três educandos surdos no 6º ano do Ensino Fundamental, ampliando em 2009 para seis alunos e trinta e um na EJA – Educação de Jovens e Adultos, todos incluídos em turmas regulares.

1.3 – Breve histórico dos anos iniciais dos alunos surdos inseridos no Ensino Fundamental (7º e 8º ano), em uma Escola Municipal de Ipatinga, MG

Os alunos surdos que frequentam o 7º e 8º ano do Ensino Regular na escola pesquisada foram alfabetizados e concluíram o 5º ano em classes especiais, em outra escola do município de Ipatinga, onde também frequentavam atendimento especializado no contra turno. Os alunos aprendiam Libras e tinham acompanhamento das atividades curriculares extraclasse. A referida escola da qual os alunos são oriundos é um dos pólos da Educação Especial do município de Ipatinga.

A Educação Especial deve propiciar o pleno desenvolvimento das potencialidades sensoriais, afetivas e intelectuais do aluno, utilizando-se de práticas pedagógicas que deverão explicitar métodos, técnicas e procedimentos compatíveis com o atendimento aos alunos com necessidades educativas especiais.

A LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9394/96, no Decreto 3298 de 20/12/1999, art. 24, parágrafo 1º, define Educação Especial como:

[...] modalidade de educação que se materializa como um conjunto de recursos e serviços educacionais especiais organizados para apoiar, complementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal aos educandos que apresentam necessidades educacionais diferentes da maioria das crianças e jovens. Essa modalidade visa promover, prioritariamente, o desenvolvimento das potencialidades das pessoas portadoras de deficiências (mental, visual, auditiva, física, motora e múltiplas, de síndromes e quadros neurológicos ou psiquiátricos e ainda dos educandos com superdotação e perpassa os diferentes níveis, etapas e outras modalidades de educação escolar, para formação de cidadãos conscientes e participativos.

Desde essa lei a Educação Especial passou a ser vista na perspectiva da Educação Inclusiva e o Presidente da República através do decreto número 6571, de 17 de setembro de 2008 regulamentou:

Art 1º A união prestará apoio técnico e financeiro aos sistemas públicos de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, na forma deste decreto, com a finalidade de ampliar a oferta do atendimento educacional especializado aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de ensino regular.

§1º Considera-se atendimento educacional especializado o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular.

A realidade vivenciada pelos alunos surdos até então, era voltada para substituir os serviços educacionais comuns. Os alunos surdos não interagiam com os alunos de turmas regulares e fazia-se necessário concretizar essa interação.

1.4 A inclusão dos alunos surdos no Ensino Fundamental em turmas regulares em uma Escola Municipal de Ipatinga, no terceiro e quarto ciclos

A inserção dos alunos surdos na referida escola teve início em 2008, no terceiro ciclo do ensino regular (6º ano), passando a atendê-los consecutivamente nos anos seguintes, conforme a ocorrência satisfatória da aprendizagem, dentre as metas estabelecidas pelo plano de desenvolvimento individual para cada disciplina. Assim, em 2009, a turma inicial passou a frequentar o 7º ano do terceiro ciclo; em 2010, o 8º ano e em 2011, o 9ºano. O 8º e o 9º ano correspondem ao 4º e último ciclo do ensino fundamental regular.

Conforme o capítulo III, artigos 18 a 21 do Regimento Escolar das Escolas Municipais de Ipatinga, o atendimento especializado ao aluno com deficiências educacionais especiais será, preferencialmente, na rede regular de ensino, com garantia de recursos humanos capacitados, material e equipamentos adequados e de vaga em escola próxima à sua residência.

Para garantir a socialização e o desenvolvimento psicológico e cognitivo, os alunos terão serviço de apoio especializado na escola regular.

As escolas devem propiciar o pleno desenvolvimento das potencialidades sensoriais, afetivas e intelectuais do aluno utilizando-se de práticas pedagógicas que deverão explicitar métodos, técnicas e procedimentos compatíveis com o atendimento aos alunos com de necessidades educativas especiais.

O trabalho com os alunos surdos inseridos no Ensino Regular teve início em fevereiro de 2008, em uma turma de 6º ano C, no turno vespertino. Os professores da turma e a equipe pedagógica da escola não receberam qualquer tipo de formação ou preparo para desenvolver as aulas com os três alunos, dois do sexo masculino e um do sexo feminino, todos com uma defasagem escolar de dois anos. A Secretaria Municipal de Educação ofereceu um intérprete para intermediar as diferenças linguísticas conforme recomendação do Decreto Presidencial 56726 de 2005. E assim, aceitamos o desafio enraizado no lema da escola que é “Respeitando as diferenças”.

A escola como instituição de cultura há de propor não uma receita, mas princípios; não uma cerca, mas um horizonte; não uma norma; mas valores e, em vez de um regulamento, um compromisso. (FERNANDES, *apud* FERREIRA NETO, 2000).

Inicialmente, houve a preocupação com a acolhida, que como os demais alunos, os surdos se sentissem bem ao ingressar nessa nova escola, e percebessem que faziam parte dela. O apoio veio da única fonte disponível naquele momento, do intérprete, que não pouparia solidariedade em partilhar a experiência que tinha e sutilmente dava opinião quanto ao material e a metodologia utilizada com os alunos surdos.

No segundo ano (2009), houve a preocupação em manter nas turmas de alunos surdos alguns professores efetivos que atuaram no ano anterior, visto que, muitos progressos e melhorias foram alcançados e deveriam continuar os avanços. As experiências adquiridas seriam de grande valia. A Secretaria Municipal de Ipatinga também concedeu a efetivação de uma profissional especializada no trabalho com surdos, com a perspectiva de garantir a qualidade no processo de aprendizagem.

No ano de 2010, a preocupação era avaliar e replanejar sempre, visando atender as metas e alcançar os objetivos estabelecidos. Neste ano, a escola atendia três turmas inclusivas, uma turma de 6º, uma de 7º e uma de 8º ano, nas quais estavam inseridos alunos surdos e ouvintes, sendo que cada classe tinha uma intérprete.

II- OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Descrever a experiência positiva de inclusão dos alunos surdos em turmas regulares de 6º, 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal de Ipatinga.

Objetivos Específicos:

- Fazer uma análise do percurso da inclusão dos surdos na referida instituição, incentivando a busca pela qualidade e excelência do ensino tendo como referência o Projeto Político Pedagógico da escola;
- Descrever algumas experiências positivas vivenciadas pelos envolvidos através da inclusão dos alunos surdos;
- Detalhar as práticas pedagógicas que favorecem a inclusão nessa escola.

III. METODOLOGIAS

3.1 Fundamentação Teórica da Metodologia

A pesquisa qualitativa caracteriza-se pela subjetividade dos dados e requer uma análise mais detalhada dos mesmos. Segundo Liebscher (1998), para aprender métodos qualitativos é preciso aprender a observar, registrar e analisar interações reais entre pessoas e sistemas.

A escolha da abordagem qualitativa deu-se pela oportunidade de estabelecer uma relação dinâmica entre a realidade e os envolvidos, e a observância da interdependência entre os mesmos. O observador também é integrante do contexto, o que tornam os dados bastante significativos. A comunicação entre os alunos surdos e o pesquisador ocorreu através da Língua Brasileira de Sinais com auxílio de uma intérprete.

3.2 Contexto da Pesquisa

O estudo foi realizado em uma Escola Municipal de Ipatinga, Minas Gerais, nas turmas de 6º, 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, onde estão matriculados os alunos surdos. A escola foi escolhida por ser pioneira na região no trabalho com alunos especiais, cegos, baixa visão, surdos, através da perspectiva inclusiva. O lema na logomarca da escola é Respeito às diferenças e todos que nela passam conseguem perceber o esforço que é feito para que todos sejam tratados como diferentes, porém, com igualdade de oportunidades.

3.3 Participantes

O critério da seleção dos alunos participantes teve como requisito básico pertencer às turmas onde os alunos surdos estavam incluídos. Participaram seis alunos surdos e quatro alunos ouvintes. Dos seis alunos surdos, uma aluna é oralizada e usa prótese, três alunos fazem leitura labial muito bem e os demais utilizam somente Libras e dependem bastante da intérprete. Os alunos ouvintes selecionados se mostravam sempre interessados em relação aos alunos surdos quanto às suas necessidades e quanto à aprendizagem da Língua de Sinais para comunicação com eles.

Os quatro professores que participaram na resolução dos questionários já trabalhavam com turmas regulares com surdos e intérprete há mais de um ano, sendo todos formados no nível superior em áreas específicas e possuem pós-graduação. Os professores participantes atuavam nas seguintes disciplinas: Português, Matemática, Ciências e História.

Dentre os três pais questionados, somente um possui nível de educação superior. Eles foram escolhidos devido ao interesse e compromisso com a educação dos filhos, segundo a equipe pedagógica da escola.

Responderam ao questionário duas intérpretes, sendo que ambas tem nível superior em educação, uma em Matemática e a outra em Pedagogia. As intérpretes são contratadas, isto é, não pertencem ao quadro de professores efetivos do município de Ipatinga, MG.

3.4 – Materiais

Materiais de consumo (papel, caneta), computador, livros, revistas.

3.5 – Instrumentos de Construção dos dados

Para entrevista com os alunos surdos foi elaborado um roteiro cujos tópicos permitiam conhecer um pouco mais o aluno, sua inclusão social e escolar.

Foram adotados diferentes recursos como suporte para adquirir informações por intermédio dos professores e alunos, verificando a qualidade do ensino aplicado aos alunos surdos, incluídos no Ensino Regular. Na coleta de dados foram utilizados diferentes instrumentos e procedimentos:

- Questionários a serem respondidos por alunos ouvintes e professores;
- Entrevistas com os alunos surdos da Escola Municipal;
- Observações durante o processo da pesquisa.

3.6 – Procedimentos de Construção de Dados

O que se pretende é comprovar através da análise dos dados que a inclusão dos alunos surdos em turmas regulares traz benefícios para todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

O critério da escolha da instituição e dos participantes foi o compromisso e o envolvimento com a educação na perspectiva inclusiva. Também, a vivência da pesquisadora com está comunidade escolar durante sete anos. Durante quatro anos atuando como coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental Regular e durante três anos como professora de Língua Inglesa.

Primeiramente, foi feito contato com a diretora da escola para explicação quanto aos objetivos da pesquisa e autorização da mesma. Posteriormente foi explicado os objetivos da pesquisa aos professores selecionados e entregue os questionários (Apêndice 1) para serem devolvidos no dia seguinte.

Com relação aos alunos ouvintes e surdos foi feita uma conversa conjunta, com a presença de uma intérprete, na qual foi relatado os objetivos da pesquisa e a importância da participação deles, bem como, a necessidade da autorização escrita dos pais. Após, foi explicado a forma de participação de cada um. Os alunos ouvintes receberiam questionários (Apêndice 2) para serem respondidos e devolvidos posteriormente e os alunos surdos seriam entrevistados, seguindo um roteiro (Apêndice 3), com a presença de uma intérprete. A intérprete que atuou na entrevista foi a especialista que acompanha o trabalho com os surdos, no entanto, ela não atua como intérprete em sala. A profissional foi escolhida na tentativa de preservar a veracidade dos fatos. A mesma possui pós-graduação em Educação Especial e psicopedagogia. Os alunos sentiram-se valorizados por poderem opinar e ajudar na pesquisa.

As observações foram feitas durante o desenvolvimento das aulas, visto que, a observadora atuava diretamente como professora dos alunos e analisava os comportamentos e envolvimentos interativos dos alunos ouvintes e surdos. Também foram escolhidos para observação, três momentos de atividades coletivas, com a participação da comunidade escolar. O primeiro momento foi em um auditório com apresentações de trabalhos realizados em conjunto. Estavam presentes os professores e funcionários da escola. O segundo momento foi a apresentação dos alunos surdos em um evento externo, com a apresentação em Língua de sinais, de uma poesia, na qual foram explorados também a expressão facial e corporal. Simultaneamente era feita a interpretação por umas das intérpretes de sala. O terceiro momento foi a culminância do projeto “A música na escola”, com a realização da mostra cultural, na qual houve exposição e explicações dos trabalhos.

3.7 – Procedimentos de Análise dos Dados

Para análise das respostas, os conteúdos foram agrupados de acordo com as ocorrências nas respostas dadas pelos envolvidos e não pelo número de participantes. As respostas serão analisadas qualitativamente, com exceção das questões número 1, 2 e 3 dos questionários dos alunos, que serão analisadas quantitativamente.

As questões foram organizadas por categorias e as ocorrências das respostas, por definições.

Foram selecionados três momentos observados, pela relevância dos mesmos, de acordo com o objetivo desta pesquisa. Após serem lidos, os relatos foram organizados em um protocolo de registro de observações e posteriormente, foi feita análise geral dos fatos, bem como, a importância dos mesmos para o alcance das metas desta monografia.

IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram agrupados de acordo com a percepção dos diferentes grupos de participantes (professores, alunos surdos e ouvintes, pais, intérpretes). As respostas foram agrupadas de acordo com suas ocorrências e não pelo número de participantes.

4.1 – Questionários para os professores

Quadro 1. Concepções que os quatro professores possuem a respeito da inclusão no Ensino Fundamental

Categorias	Definições
Como é trabalhada a inclusão dos alunos surdos em sala de aula	Incentivo os alunos a participarem de todas as atividades; Faço adequação dos recursos; Motivo os alunos surdos a se integrarem com os ouvintes.
Dificuldades encontradas	Excesso de alunos na sala; Impaciência dos ouvintes quando os surdos fazem questionamentos; Falta de habilidade e compreensão de Libras; Trabalhar a Língua Portuguesa como segunda Língua.
Estratégias utilizadas	Realização de atividades experimentais (Ciências); Uso de material concreto, quando possível; Estabelecimento de sinais para palavras e estruturas que não possuem (termos científicos); Utilização de recursos visuais; Trabalhos em grupo e projetos institucionais que promovam o entrosamento dos alunos surdos e os alunos ouvintes.
Benefícios	Difusão da Língua Brasileira de Sinais; Ampliação do círculo de relacionamento dos surdos; Despertou o interesse da comunidade escolar para os problemas que os surdos enfrentam; Superação dos limites pelos professores: aprendizado de Libras, preparo de aulas adequadas, mediação entre os alunos; Conscientização que ainda temos muito a aprender.

Relacionamento entre alunos surdos e alunos ouvintes	<p><i>Muito bom, pois, muitos alunos ouvintes se interessaram em aprender Libras;</i> <i>Boa interação nas atividades coletivas;</i> <i>Ótimo, porque os alunos ouvintes têm facilidade em aprender Libras;</i> <i>Ótimo, pois, os alunos surdos perderam a insegurança inicial.</i></p>
Opinião a respeito da inclusão dos alunos surdos no ensino regular	<p><i>Foram dados passos importantes, mas, ainda há muito que melhorar;</i> <i>É necessário, pois, é possível observar o desenvolvimento dos alunos surdos em todos os aspectos;</i> <i>Tem que acontecer, porém, é preciso mais seriedade quanto à preparação do ambiente e do pessoal;</i> <i>Fundamental, com apoio e formação continuada para os professores;</i> <i>Fundamental, porém há necessidade de momentos de planejamento entre professores e intérpretes.</i></p>
Preparo para atuar nessa nova realidade	<p><i>Sinto-me preparada em parte, pois posso pouca habilidade com a Libras;</i> <i>Ainda me sinto insegura, pois, a Libras é muito difícil e dependo muito da atuação das intérpretes;</i> <i>Não estamos preparados, apesar dos esforços, ainda é necessário muito estudo, apoio e ajuda quanto à execução de um trabalho de qualidade;</i> <i>Não estamos preparados, pois, precisamos de apoio e mais tempo quanto ao preparo das aulas e confecção dos materiais.</i></p>

É possível perceber através dos questionamentos que os professores estão trabalhando para que a inclusão aconteça de fato. Eles utilizam a motivação para que haja a interação entre os envolvidos e destacam a utilização dos recursos visuais e concretos como estratégias para que ocorra a aprendizagem. Dentre as dificuldades relatadas, teve destaque a comunicação, pois a maioria dos professores possuem pouca habilidade na utilização da Libras e ainda dependem muito das intérpretes. Dentre os benefícios, chama a atenção o item, “conscientização que ainda temos muito a aprender”, que definirei com estas sábias palavras:

A capacidade definitiva de um homem não está nos momentos de conforto e convivência, mas nos períodos de desafios e controvérsias.

(MARTIN LUTHER KING,2002, p. 79)

Pode-se observar que os professores não se sentem preparados para atuar nessa nova realidade, mas eles sabem que a inclusão é fundamental, e não estão inertes diante deste fato, ao contrário, estão em busca do conhecimento e da qualidade da educação que oferecem.

(...) o aprendizado não é desenvolvimento; entretanto o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer.

(VYGOTSKY, 1994, p.112)

Em relação à impaciência dos alunos ouvintes quanto aos questionamentos dos alunos surdos, é possível observar que um fato que influencia em grande parte esse comportamento é o grande número de aluno na sala de aula, dificultando o atendimento individualizado aos alunos pelo professor.

4.2 – Entrevistas com os alunos surdos

Na análise das respostas da questão 1, 2 e 3 foi possível a organização das seguintes tabelas:

Tabela1- Nível de surdez

Nível de surdez	Número de alunos
Surdez profunda	3
Surdez moderada	2
Surdez profunda no ouvido direito e moderada no esquerdo	1

Tabela 2 – Idade de ingresso na escola e tipo de classe

Idade de ingresso na escola	Tipo de classe	Número de alunos
4 anos	Classe regular	1
6 anos	Classe especial com professor bilíngue	3
7 anos	Classe especial com professor bilíngue	2

Tabela 3 – Idade de ingresso em turmas regulares de 6º ano do 3º ciclo

Idade de ingresso	Número de alunos
12 anos	1
13 anos	4
14anos	1

As questões 4, 5, 6, 7 e 8 serão analisadas tendo como base as categorias e definições obtidas através das concepções que os alunos surdos possuem a respeito da inclusão no Ensino Fundamental, em turmas regulares.

Quadro 2. Concepções que os alunos surdos possuem a respeito da inclusão no Ensino Fundamental

Categorias	Definições
Relacionamento com os alunos ouvintes	<i>Pouco relacionamento, pois os ouvintes não sabem Libras; (2 vezes)</i> <i>Bom, muitas vezes fazemos troca, eles nos ajudam no Português e nós ensinamos Libras para eles; (1 vez)</i> <i>Muito bom, porém, às vezes os ouvintes fazem muita bagunça; (2 vezes)</i> <i>Há uma relação de amizade, mas temos que incentivar o relacionamento com eles, porque alguns têm receio (2 vezes).</i>
Relacionamento com as intérpretes	<i>Muito bom, sem “ruídos” na comunicação; (3 vezes.)</i> <i>Bom, porém, tive dificuldades de me adaptar a uma delas; (1 vez)</i> <i>Bom, pois elas são a ponte entre nós e os ouvintes; (2 vezes)</i>
Relacionamento com os professores	<i>Muito bom, porém, necessitamos muito das intérpretes para nos comunicarmos; (2 vezes)</i> <i>Muito bom, mas gostamos mais do que tentam aprender a nossa Língua; (2 vezes)</i> <i>Sinto diferença quantos aos professores que já fizeram algum curso de Língua de sinais, pois, nosso relacionamento é bem melhor. (3 vezes)</i>
Inclusão dos alunos surdos no ensino regular	<i>Acho ótimo, tem que acontecer, porém a dificuldade é a Língua Portuguesa, que é a primeira Língua, e as provas são escritas; (4 vezes.)</i> <i>Eu gosto, mas, prefiro a sala especial. Os ouvintes fazem muita bagunça; (1 vez)</i> <i>Tem seus benefícios, porém, precisamos melhorar na Língua Portuguesa e é muita matéria; (2 vezes)</i>
Se sente preparado (a) para atuar nessa nova realidade	<i>Não. Os ouvintes dominam a Língua Portuguesa; os surdos não. (1 vez)</i> <i>Um pouco, pois me acostumei e amadureci; (1vez)</i> <i>Sim, fiz amizade com muitos alunos ouvintes, tenho um bom relacionamento com eles. Nós brincamos fazemos trabalhos e nos divertimos juntos; (2 vezes)</i> <i>Sim. Se um professor ou intérprete faltam, tem sempre um ouvinte fazendo a ponte de comunicação; (2 vezes)</i> <i>Sim, pois, não tenho mais vergonha de conversar com os ouvintes; (1 vez.)</i> <i>Sim. Existem muitos benefícios na inclusão, porém, existem também conflitos. Temos que ter paciência. (2 vezes)</i>

Os alunos surdos foram unânimes quanto ao relacionamento com os alunos ouvintes, é necessário o incentivo para melhorar a comunicação, que ainda ocorre de maneira insegura e receosa. Alguns colegas ouvintes possuem interesse e facilidade com a Libras e ajudam muito na ausência da intérprete. Cabe ressaltar nesse fato, o papel do professor, enquanto mediador e incentivador da interação entre os envolvidos. Quanto às dificuldades, ficou em destaque, aprender a Língua Portuguesa, porém, apesar de difícil, eles sabem o quanto é necessário o seu aprimoramento para a inserção na sociedade. Quantos aos pequenos conflitos que surgem, entre os alunos ouvintes e surdos foi possível observar que eles acham normal e que é uma questão de adaptação e que está, depende de tempo ou mesmo, da convivência e que já percebem uma grande melhora, ou mesmo amadurecimento de ambas as partes. Segundo Vygotsky, o processo de internalização transforma as experiências intersubjetivas em intrasubjetivas: do externo, social, para o interno, mental.

O amadurecimento e a habilidade de atuar frente a essa nova situação requer paciência, perseverança e força de vontade para todos os envolvidos no processo.

4.3 – Questionários para os alunos ouvintes

Quadro 3. Concepções que os alunos ouvintes possuem a respeito da inclusão dos alunos surdos no Ensino Fundamental, em turmas regulares

Categorias	Definições
Opinião sobre inclusão	<i>Bom, mas deveria ter menos alunos na sala; (3 vezes.)</i> <i>Muito bom, porém é muito difícil para os alunos surdos; (2 vezes.)</i> <i>Ótimo, pois aprendemos muito com eles. (2 vezes)</i>
Relacionamento entre os alunos surdos e ouvintes	<i>Bom, mas, às vezes tenho um pouco de raiva porque tudo deles é melhor; (1 v.)</i> <i>Bom, eles comunicam conosco, mas sempre precisamos da ajuda da intérprete; (2 v.)</i> <i>Muito bom, aprendo muito com eles e já consigo me comunicar sem a ajuda da intérprete. Fiz curso de Libras e eles gostam de nos ensinar. (2 v.)</i>
Dificuldades encontradas	<i>Comunicação; (3 vezes)</i> <i>Muitos alunos na sala. (3 vezes)</i>
Benefícios	<i>A amizade com os colegas surdos; (4 v.)</i> <i>Aprender Libras para comunicarmos com eles. (2 v.)</i>

O ponto marcante em todos os questionários dos alunos ouvintes foi que a inclusão é uma coisa boa tanto para os alunos surdos quanto para os ouvintes, pois proporciona a ambos a vivência de uma realidade que só é possível nesse contexto. Outro fato interessante é que todos acham que o grande número de alunos na sala atrapalha os alunos surdos, visto que, os ouvintes são mais agitados.

A barreira da comunicação está sendo transposta por um misto de curiosidade e força de vontade. A direção da escola em parceria com a Secretaria Municipal de Educação ofereceu um curso básico de Libras para os alunos ouvintes em horário extraturno e outro aberto à comunidade, com um bom número de participantes. O que é inegável é o fato dos alunos surdos e ouvintes vivenciarem a inclusão com mais facilidade e naturalidade que os demais envolvidos. Esse fato é percebido através das respostas simples e diretas dos questionários.

Um fato que não pode deixar de ser citado é o de alguns alunos ouvintes sentirem ciúmes e até mesmo enraivecidos com os surdos, por acharem que eles são privilegiados. Falta uma explanação a respeito das necessidades de adaptação das atividades e conteúdos para que os alunos surdos possam ter condições de aprender como os alunos ouvintes.

A ousadia com que os alunos adolescentes enfrentam a realidade da inclusão deveria servir de exemplo para os adultos que fazem as pedras no caminho parecerem paredões que não podem ser transpostos.

4.4 – Questionários para os pais ou responsáveis

Quadro 4. Concepções que os pais ou responsáveis têm a respeito da inclusão dos alunos surdos no Ensino Fundamental, em turmas regulares

Categorias	Definições
Opinião quanto à inclusão	<i>Muito bom, porque ele está sendo preparado para a vida;</i> <i>Uma das melhores coisas que aconteceu na vida do meu filho, porque ele percebeu que não é inferior aos ouvintes;</i> <i>Ótimo, é direito dele.</i>
Dificuldades	<i>A adaptação, no início não foi fácil, todos estavam com receio, mas, aos poucos, alunos, pais e professores foram se acostumando;</i> <i>As atividades escolares, hoje os professores tentam adequar para que ele comprehenda melhor;</i> <i>A comunicação;</i> <i>Aprender Língua Portuguesa.</i>

Benefícios	<i>A presença da intérprete na sala de aula; Melhora da autoestima do aluno surdo; Convívio com muitos professores e alunos ouvintes; Participação de atividades coletivas na escola e em outros lugares.</i>
Percepção do aluno surdo mais incluído à sociedade e com mais oportunidades	<i>A escola ajuda muito, pois, os professores aceitam e tentam ajudar meu filho; Sim, depois que ele entrou para a escola, passou a acreditar que é capaz de fazer muitas coisas e a sonhar com o futuro. E nós, pais, também. Todos na escola têm que se esforçado muito para que isso aconteça, apesar das dificuldades.</i>

O relevante no questionário dos pais ou responsáveis é o fato de compreenderem a inclusão como um direito do aluno surdo e mais, que estamos no caminho certo, embora o atendimento não esteja totalmente satisfatório ainda. O novo é passível de erros e acertos, o que faz com que todos os envolvidos cresçam nessa nova realidade. A inclusão melhora a autoestima dos alunos e faz com que ele seja preparado para a vida. Dois pais destacaram estarem satisfeitos com a percepção de seus filhos de que são tão capazes quanto os ouvintes.

4.5 – Questionários para as intérpretes

Quadro 5. Concepções que as intérpretes têm a respeito da inclusão dos alunos surdos no Ensino Fundamental, em turmas regulares

Categorias	Definições
Opinião sobre a inclusão	<i>Encontra-se em processo, ainda estamos na fase de integração; É fundamental, mas, ainda é o surdo que se adapta a nova situação. É necessária a participação mais efetiva da família, da escola e das esferas governamentais; É o correto, porém estamos caminhando a passos lentos, mas acredito que chegaremos a ter uma educação inclusiva de qualidade.</i>
	<i>Os entraves maiores estão na vontade política, seja na esfera governamental ou das pessoas que participam desse processo</i>

Entraves	<i>da educação inclusiva; Nenhuma ação foi feita para que a Língua Portuguesa seja ensinada como segunda Língua; Alguns educadores mostram resistência em assumir metodologias que venham beneficiar a apreensão dos conteúdos pelos surdos; Um tempo maior de planejamento das aulas e das avaliações para o educador.</i>
Benefícios	<i>Crescimento do aluno surdo que está convivendo com uma comunidade ouvinte; A comunidade ouvinte ter a oportunidade de aprender a conviver com as diferenças; Quando há alunos com necessidades especiais na sala, os alunos se tornam mais sensíveis, visto que, hoje presenciamos uma sociedade cada vez mais individualista.</i>
Relacionamento com os alunos surdos	<i>Tenho uma relação amigável com os surdos; Sou respeitada enquanto intérprete educacional, e isto é imprescindível no trabalho enquanto intérprete; Muito boa, somos amigos, nos divertimos juntos.</i>
Relacionamento com os professores	<i>Temos uma relação razoável; Há a necessidade de momentos de uma coordenação conjunta, professores e intérpretes, para discutirem uma melhor maneira de ensinar os conteúdos ministrados; Pode melhorar, mas, acredito na parceria do intérprete educacional e professor regente.</i>

As intérpretes questionadas trouxeram respostas objetivas e diretas. Elas veem que a inclusão ainda está em processo e que falta ainda mais boa vontade dos envolvidos. Para elas o esforço para adaptação é, na maioria das vezes, realizado pelos alunos surdos.

Uma dificuldade unânime revelada nos questionários para as intérpretes e para os demais foi em relação à Língua Portuguesa. O que leva a observar um impasse entre a adaptação dos conteúdos para Libras e material visual e a necessidade do aprendizado da Língua Portuguesa para a vida. Pensar a Língua Portuguesa como segunda Língua é fácil;

entretanto, achar um ponto de equilíbrio entre a Libras e a Língua nativa da sociedade em que estes alunos estão inseridos ainda é um tema para longos debates e pesquisas.

Um fato relevante é que todos os alunos surdos querem que os ouvintes se interessem e aprendam sua Língua, mas percebem a necessidade de melhorar na compreensão da Língua Portuguesa. Interessante é que na aula de Língua Inglesa, os alunos surdos se adaptam melhor, participando mais e aproveitando melhor a oportunidade. O que se percebe é que como o Inglês é Língua estrangeira, os recursos visuais e corporais são utilizados de forma espontânea.

4.6 – Registros das observações

Quadro 6. Protocolo de registro das observações

Atividades	Desenvolvimento
<p>1ª - Projeto Biblioteca em Ação em parceria com a professora de Língua Portuguesa e apoio das intérpretes em... Conta-me um conto!</p>	<p>1º momento: Os alunos foram à biblioteca escolheram livros de contos para leitura em casa. A turma foi separada em três grupos e cada grupo lerá um livro, depois farão a escolha de um conto para apresentação. Um dos grupos era formado por alunos ouvintes e surdos; Os alunos tiveram a liberdade de escolha do grupo.</p> <p>2º momento: Em sala, cada grupo fez um comentário sobre o livro que leu e qual o conto haviam escolhido para apresentação e disseram a razão da escolha; Uma aluna surda explicou a razão da escolha, usando a Língua de sinais, acompanhada por uma intérprete;</p> <p>3º momento: Os alunos se reuniram e combinaram a forma de apresentação do conto. O grupo formado de alunos surdos e ouvintes era sempre acompanhado pela intérprete; O conto escolhido por esse grupo foi “O Conto da Vara”, de Machado de Assis.</p> <p>4º momento: A professora entregou para os alunos, o roteiro das apresentações e disse que se algum grupo precisasse de ajuda poderia procurá-la no horário de coordenação.</p> <p>5º momento: Os alunos apresentaram o conto na culminância do projeto. Eles apresentaram em forma de teatro, estavam bem caracterizados e havia uma harmonia entre surdos e ouvintes. Nas falas que eram dos surdos, eles usaram Libras e eram interpretados. Eles conseguiram apresentar o conto a toda comunidade escolar, num misto de humor e criatividade. Eles conseguiram prender a atenção da platéia e encantá-los!</p>

<p>2ª – Apresentação da Poesia “Você precisa ser surdo para entender”, de Willerd & Nadsen</p>	<p>Os alunos surdos ensaiaram com a ajuda das intérpretes e apresentaram a poesia na escola, com a presença de todos os alunos, funcionários da escola e da Secretaria Municipal de Educação, no dia 21 de setembro, dia nacional de luta da pessoa com deficiência. Os alunos se caracterizaram e demonstraram habilidade na encenação e na expressão facial. Depois, eles foram convidados a apresentar em outros eventos fora da escola.</p>
<p>3ª - Culminância da Mostra Cultural “A música está no ar”</p>	<p>A turma coordenada pela professora de Língua Inglesa se apresentou com o título “os cantores internacionais mais populares do momento”, e o grupo dos surdos e ouvintes optaram pela cantora Lady Gaga. Os alunos mostraram cartazes com manchetes e fotos da trajetória da cantora, organizaram uma pesquisa escrita, exibiram clips, que eram comentados por um aluno surdo, com a ajuda da intérprete. As alunas também caracterizaram bonecas Barbie, com alguns modelos da cantora.</p>

A observação da primeira atividade ocorreu durante duas semanas, mais precisamente, em uma aula de biblioteca e duas aulas de Língua Portuguesa, tendo sua culminância, na apresentação em um auditório com a participação de toda comunidade escolar. Um fato a se destacar foi a tranquilidade com que a professora trabalhou a atividade e o apoio das intérpretes e da bibliotecária, na realização da apresentação, mesmo em horários extras turnos. A atividade foi criativa e possibilitou a interação entre surdos e ouvintes, além de dar autonomia aos alunos quanto à apresentação do conto.

É importante ressaltar que o trabalho com literatura, muitas vezes, é visto como algo cansativo e o professor tem certa dificuldade de incentivar os alunos, porém, o que pode ser percebido é que os alunos se empenharam, se divertiram e se sentiram satisfeitos com o resultado alcançado.

É possível analisarmos essa atividade através da teoria sociointeracionista, de Vygotsky, quando afirma que o aprendizado é propício através de uma interação de ações culturais em que o aluno constrói aquisições de conhecimentos a partir de mediações educativas advindas principalmente da escola, da família e de sua visão de mundo.

Na segunda atividade observada, ficou em evidência a utilização de um tema significativo para os alunos surdos, que foi a apresentação do poema, *Você precisa ser surdo para entender*, que dado o impacto provocado na platéia, possibilitou a ampliação do espaço

de vivência e interação, para outros além dos “muros da escola”, ou seja, em outros segmentos da sociedade.

Na terceira atividade, a professora disponibilizou um roteiro para a pesquisa escrita e junto com os alunos foi listando sugestões de atividades para exposição na mostra. Ela disse que eles poderiam usar a criatividade e a imaginação. A intérprete ajudou bastante e a professora acompanhou a confecção do material. Além de na sala de exposição predominar a Língua Inglesa, ainda havia muitas informações em Libras, uma iniciativa dos alunos surdos e da intérprete. É possível relacionar as atividades observadas com um dos conceitos fundamentais que compõem a teoria sociointeracionista:

Zona de desenvolvimento proximal, definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar por meio de solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1994, p.112)

Muitas vezes, o professor precisa instigar os alunos, motivando-os na atividade, e deixar que eles hajam com autonomia, atuando como mediador no processo ensino aprendizagem. Agindo assim, além, do alcance das metas estabelecidas, aprendemos muito com eles.

As observações acima relacionadas e comentadas, podem ser ilustradas pelo trecho do seguinte poema:

“É na clareza da mente
que explode a procura do novo processo,
e o que é direito eu exijo e não peço
com a intensidade de quem quer viver
e optar: ir ou não por ali.”

(Oswaldo Montenegro, 2002)

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A explanação dos dados fornecidos por esta pesquisa vai ao encontro do objetivo nela proposto, que é descrever a experiência positiva de inclusão dos alunos surdos em turmas regulares de 6º, 7º e 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal de Ipatinga, MG. Em uma vivência sociointeracionista, os integrantes desta comunidade escolar buscam meios que proporcionem a todos os envolvidos uma educação de qualidade. Poker (2001), afirma que as trocas simbólicas provocam a capacidade representativa desses alunos, favorecendo o desenvolvimento do pensamento e do conhecimento, em ambientes heterogêneos de aprendizagem. No entanto, ainda encontramos atitudes contrárias à inclusão. Temos que nos conscientizar que a inclusão é um fato irreversível e que é necessário olhar para o futuro, na busca de um atendimento de qualidade à toda demanda excluída.

É possível atuar com alunos surdos em classes comuns? A pesquisa deixa claro, que obstáculos existem, mas através de erros e acertos, a adequação é feita. Concluindo:

A escola comum precisa implementar ações que tenham sentido para os alunos em geral e que esse sentido possa ser compartilhado com os alunos com surdez. (DAMÁZIO, p. 14)

Através de experiências lúdicas e significativas é possível atender a proposta de uma educação inclusiva. Os alunos surdos tem direito de acesso ao conhecimento em classes regulares, e ao Atendimento Educacional Especializado.

As contribuições deste trabalho visam mostrar a viabilidade da ação educativa inclusiva, tendo em vista, a formação continuada dos envolvidos e a busca por condições que favoreçam um ensino de qualidade, como: menor número de alunos em sala de aula; tempo maior de planejamento do professor em parceria com o intérprete; o intercâmbio entre professores, educadores especiais e os intérpretes, ensino sistemático de Libras aos alunos ouvintes, através de seus colegas ou de instrutores surdos. Enfim, atitudes que favorecem as trocas de experiências e enriqueçam nosso trabalho. Mantoan (2001, p. 42) exemplifica bem essa questão:

A grande contribuição da educação inclusiva para os educadores é colocar-nos constantemente em conflitos diante da necessidade de buscarmos novas alternativas. É preciso empenho e força de vontade para enfrentarmos os desafios que a inclusão nos impõe.

As escolas inclusivas devem propiciar espaços educativos que favoreçam o desenvolvimento de personalidades humanas autônomas, criativas e que valorizam as

diferenças. Contextos educacionais em que todos os alunos tenham a possibilidade de aprender juntos.

Na escola onde foi desenvolvida a pesquisa muito já foi realizado visando alcançar um ensino de qualidade em uma realidade inclusiva, pois com os cursos de Libras oferecidos aos alunos e professores, foi possível observar o progresso na interação dos envolvidos. Hoje, na ausência do intérprete, alguns alunos conseguem auxiliar os alunos surdos e os professores. Esta atitude reforçou a confiança entre todos que fazem parte desta comunidade escolar que busca sempre fazer o melhor possível para alcançar um ensino de qualidade, não perdendo nunca de vista, o respeito às diferenças e o direito de igualdade de oportunidades

REFERÊNCIAS

- BENTO, Ricardo Ferreira. *A Surdez de Beethoven, O Desafio de um Gênio*. Arquivo Internacional de Otorrinolaringologia, 2009; número 13, pág. 317- 319.
- BEYER, Hugo Otto. *A Educação Inclusiva: incompletudes escolares e perspectivas de ação*. Revista do Centro de Educação, UFSM., 2003; número 22.
- BRASIL. Lei 9394 – LDB – **Lei das Diretrizes e Bases da Educação**, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1997.
- COELHO, Cristina M. Madeira. Texto referência do módulo IV do curso de especialização, “Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. UAB/UNB, 2010.
-
- DAMÁZIO, Marilene Ferreira Macedo. Atendimento Educacional Especializado para Pessoa com Surdez. Brasília, 2007
- DE PAULA, Liana Salmeron Botelho. *Cultura escolar, Cultura surda e construção de identidade na escola*. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.15, n.3, p.407-416, Set.-Dez. 2009.
- DIAS, Cláudia Augusto. GRUPO FOCAL: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. Biblioteca do Módulo 5 - Metodologia e Construção do Conhecimento. UAB/UNB, 2010.
- KELMAN, Celeste Azulay. Texto referência do módulo III. Sociedade, educação e cultura. Curso de especialização: “Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. UAB/UNB, 2010
- KELMAN, Celeste Azulay. Texto referência do módulo VI, Processos de ensino- aprendizagem. Curso de especialização: “Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. UAB/UNB, 2010
- MACIEL, Diva Alburqueque & RAPOSO, Mírian Barbosa Tavares. Texto referência do módulo V, Metodologia e Construção do Conhecimento. Curso de especialização: “Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar”. UAB/UNB, 2010
- MANTOAN, Maria Teresa Égler. A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: SENAC, 1997.
- MANTOAN, Maria Teresa Égler. Caminhos pedagógicos da inclusão: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras. São Paulo, Memnon, 2001.
- NEGRA, Carlos Alberto Serra & NEGRA, Elizabete Marinho Serra. Manual de trabalhos monográficos de graduação, especialização, mestrado e doutorado. Editora Atlas. São Paulo: 2004.
- TUNES, Elizabeth; TACCA, Maria Carmen Villela Rosa e Bartholo, Roberto dos Santos. O professor e o ato de ensinar . http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000300008&lng=en&nrm=iso.

- APÊNDICES -

A. Questionário dos professores



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



- Professores -

1. Como você trabalha a inclusão do aluno surdo em sala de aula? _____

2. Quais as dificuldades encontradas no trabalho com alunos surdos?

3. Cite alguma(s) estratégia(s) que você utiliza com os alunos surdos que enriquecem e facilitam seu trabalho.

4. Em sua opinião, quais os benefícios que a inclusão dos alunos surdos trouxe para essa comunidade escolar?

5. Como você percebe o relacionamento entre os alunos surdos e ouvintes?

6. Qual a sua opinião em relação à inclusão dos alunos surdos no Ensino Regular?

7. Você se sente preparado(a) para atuar nessa nova realidade? Por quê?

B. Questionário dos intérpretes



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



Intérpretes

1. Qual é a sua opinião quanto à inclusão dos alunos surdos?

2. Quais os entraves e benefícios da inclusão?

3. Como é a sua relação com os alunos surdos? E com os professores?

C. Questionário dos pais ou responsáveis



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

- Pais ou Responsáveis -

1. Qual é a sua opinião quanto à inclusão de seu filho em turmas regulares?

2. Como você vê a trajetória de seu filho após o ingresso em turmas regulares (dificuldades, benefícios)?

3. Hoje, você percebe seu filho mais incluído à sociedade e com maior abertura às oportunidades? Cite exemplos (que atividades favoreceram esses fatos).

D. Questionário dos alunos ouvintes



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



Alunos Ouvintes

1. Qual sua opinião quanto à inclusão dos alunos surdos em turmas regulares?

2. Como é a sua relação com os alunos surdos?

3. Quais as principais dificuldades que você encontra?

4. Quais os benefícios que a inclusão dos alunos surdos trouxe?

E. Entrevista com os alunos surdos



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



- ENTREVISTA COM ALUNOS SURDOS -

1. Qual é o seu nível de surdez?

2. Qual a sua idade de ingresso na escola? Foi em classe especial ou inclusiva?

3. Em que ano/série você ingressou no Ensino Fundamental em classes comuns? Como você vê sua trajetória no Ensino Fundamental a partir da inclusão no Ensino Regular?

4. Como é sua relação com os alunos ouvintes?

5. Como é sua relação com os professores? E com a intérprete?

6. Quais são as principais dificuldades encontradas?

7. Quais os benefícios que a inclusão trouxe para a sua vida escolar e para sociedade em geral até o momento? O que favoreceu esses benefícios?

F. Protocolo de registro das observações



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



Atividades	Desenvolvimento
	.

- ANEXOS -

A. Anexo 1



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil-Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre a inclusão de alunos surdos em turmas regulares. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa fotos das situações cotidianas e rotineiras da escola, questionários e, ainda, entrevistas. Para isso, solicito sua autorização para que seu(ua) filho(a) participe do estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Seu(ua) filho(a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação de seu(ua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 85148466 ou no endereço eletrônico mhmarinho@yahoo.com.br. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar
UAB – UnB

Sim, autorizo a participação de meu(minha) filho(a) _____ neste estudo.

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____

B. ANEXO 2



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Professores,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre a inclusão de alunos surdos em turmas regulares. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa fotos das situações cotidianas e rotineiras da escola, questionários e, ainda, entrevistas. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 85146466 ou no endereço eletrônico mhmarinho@yahoo.com.br. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____